

MANEIRAS DE COMPREENDER LINGÜÍSTICA APLICADA

José Carlos Paes de Almeida Filho
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

O tipo de Lingüística Aplicada (LA) que se examina e se propõe discutir teoricamente é o de ciência aplicada (interdisciplinar, em muitos casos), cujo objeto é o problema real de uso de linguagem colocado na prática dentro ou fora do contexto escolar. Embora essa não seja uma visão radicalmente diferente de como se faz LA contemporaneamente em alguns centros de pesquisa dos Estados Unidos e Europa, no Brasil não tem sido em geral esse tratamento distintivo, afirmativo e independente o mais usual.

Como aplicação da Lingüística, visando a construção de uma Teoria de Ensino de Língua, há exemplos abundantes no exterior e dentro do Brasil. Nesse paradigma, Gomes de Matos (1980) afirma que a LA tem como objetivo a aplicação de princípios, técnicas e resultados das investigações teóricas sobre as línguas para a solução de problemas educacionais e sócio-culturais. Segundo essa concepção, a LA teria aproximadamente 25 anos no Brasil em 1990. No meu entender, a LA no sentido de ciência aplicada auto-consciente, preocupada em encaminhar soluções sistemáticas para questões reais de uso de linguagem, tem uma história bem mais recente no Brasil.

É interessante também notar a diferença dos termos *ciência* para este autor, e *científica* para Gomes de Matos (1980). Para esse último a LA é científica porque tem a ciência da linguagem como sua base subjacente. Para mim, a LA é científica na medida em que definiu seu objeto de pesquisa, nomenclaturas e procedimentos explícitos de pesquisa. Não são as várias ciências de contato da LA, como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, a Estatística ou a Lingüística que lhe conferem cientificidade, portanto. Elas podem até contribuir com conceitos e modelos, mas o critério final de relevância científica das contribuições será sempre o de um paradigma da própria LA, que desenvolve procedimentos tendo em vista problemas construídos de uso de linguagem na prática que tenhamos à mão.

Na Europa e nos Estados Unidos, onde a Lingüística Aplicada tem uma história mais longa de etapas vencidas, o campo de investigação da LA tem sido freqüentemente interpretado como o outro lado da Lingüística. Buckingham e Eskey (1980), por exemplo, afirmam que a Lingüística e a LA precisam uma da outra, no sentido de que a LA precisa de teoria e os teóricos (isto é, os lingüistas) precisam testar as suas teorias nas aplicações. Num paralelismo com a famosa distinção de Chomsky entre competência e desempenho, esses autores sugerem que aos lingüistas caberia o estudo da linguagem enquanto sistema e aos lingüistas aplicados caberiam as tarefas de comportamento lingüístico. O que não fica resolvido é se basta teoria lingüística para resolver problemas reais compreendidos em comportamento lingüístico.

Outros autores, como Anthony (1980), vêem LA como aquela porção do corpo de conhecimento acumulado chamado Lingüística que os praticantes de uma outra disciplina acham útil no desempenho do seu trabalho. Essa é a clássica concepção de LA como aplicação de Lingüística e nela há uma limitação natural, por força mesmo da posição epistemológica que a sustenta como veremos adiante.

Nos seus primórdios e até hoje, em alguma medida, a LA tem sido interpretada também como sinônima de Teoria de Ensino de Línguas. Campbell (1980), nesse sentido, afirma que a tarefa do lingüista aplicado se resume na definição das relações ou ligações entre teorias (visões, pressupostos) sobre a natureza da linguagem e o estabelecimento das condições otimizadas de ensino e/ou aprendizagem de línguas.

Lingüística Aplicada é, pois, um termo que tem merecido múltiplas interpretações. Assim, embora a palavra *aplicada* possa erroneamente induzir o leitor não-especializado a imaginar que se trate de disciplina preocupada exclusivamente com a prática de língua, ou seu ensino e aprendizagem, nada seria tão improcedente. A LA está visceralmente ligada à pesquisa científica para evoluir no terreno teórico. O corpo de teoria que a LA vai gradualmente constituindo em forma de modelos e paradigmas permite ao lingüista aplicado usufruir de uma compreensão abrangente e articulada do mundo de usos de linguagem em que precisamos viver.

Como campo de investigação, é claro que há muitas maneiras (e quase todas úteis) de como iniciar a caracterização e definição de LA. Uma primeira maneira de entender LA seria observar os *problemas* ou *tópicos* que se transformaram em objetos de seu estudo e interpretação. Outra maneira de compreendê-la, seria examinar os seus *fins* ou *objetivos*. Um outro caminho ainda seria o de pesar com cuidado as suas propostas ou produtos. Vejamos cada um desses percursos.

PROBLEMAS OU QUESTÕES DA LA

Muitos problemas estudados e reestudados em LA constituem eventualmente um temário que vai se firmando com o seu agendamento continuado de alguns tópicos de pesquisas. Uma tradição de tratamentos de algumas questões-chave então se forma.

A persistência com que algumas dessas questões voltam a ser estudadas acaba por instituir temas mais centrais para a LA. Por exemplo, como se aprende, adquire e ensina o uso das línguas em diferentes situações? Quais as manifestações de transferência de língua materna para a língua-alvo? Como são feitas e mantidas as relações entre as pessoas através da linguagem? Por que nem todos os adultos aprendem uma segunda língua que tentam aprender?

Essas questões, e outras como elas ou delas derivadas, nos colocam face a face com a vasta gama de situações de uso de linguagem que podem, quando adversamente configuradas, tornar nossa vida mais difícil. Essas questões merecem, portanto, um tratamento sistemático, objetivo e explícito de parte do lingüista aplicado. A identificação dos temas que ressurgem ao longo do tempo na agenda de pesquisa de LA pode, dessa forma, nos auxiliar no entendimento desse campo de conhecimento.

OBJETIVOS OU FINS DE LA

Outra forma de captar a natureza da LA é através da análise dos fins ou objetivos que os pesquisadores buscam atingir com seu esforço de pesquisa. Nesse caso, estaríamos procurando respostas às perguntas: o que estão buscando os lingüistas aplicados? Que tipos de conhecimentos desejam revelar? É possível generalizarmos que esses pesquisadores estão interessados, num plano maior, numa LA que seja capaz de explicar e otimizar as relações humanas através do uso de linguagem. Deborah Tannen, uma conhecida pesquisadora norte-americana de questões de uso de linguagem nas relações culturais intergrupais, por exemplo, reconhece como sua tarefa a de produzir conhecimentos sobre como as pessoas usam a linguagem no dia-a-dia e como gente de diferentes culturas usa linguagem de modos diferentes (Tannen, 1986).

Na sub-área do Ensino de Línguas, H.C. Widdowson (1978) sublinha o objetivo do seu trabalho de pesquisa em LA como o de fornecer um tratamento coerente do ensino comunicativo de língua estrangeira, a partir de uma concepção de linguagem-discurso e

de princípios explícitos de escolha de procedimentos de ensino e produção de material didático.

GENERALIZAÇÕES E PRODUTOS DA LA

Tendo proposto que tanto o temário como os fins explicitados dos estudos e pesquisa em LA Poderiam servir como meios de compreender essa área de conhecimento humano, é possível ainda pensarmos em pelo menos mais um caminho. Trata-se do exame dos produtos que o esforço sistemático de pesquisa em LA acaba gerando. Isso equivale a indagarmos quais os tipos de afirmações ou generalizações que são feitas em LA. Ou, ainda, que tipos de propostas concretas são formuladas pelos autores pesquisadores. Por exemplo, J. Van Ek produziu uma descrição de um nível mínimo de competência comunicativa para uma língua estrangeira e esse produto foi aplicado à reforma do sistema público de ensino de Língua Estrangeira Moderna na Jugoslavia (Morrow, 1977). Procedimentos de tradução automática de textos foram utilizados pela Organização Mundial de Saúde, em Washington, acompanhados de procedimentos de revisão manual, para a tradução de textos sobre saúde.

Essas generalizações ou esses planos de ação concreta acabam funcionando como Instrumentos de prova dos produtos e recomendações, impondo padrões profissionais e, em última análise, normatizando a prática, prescrevendo procedimentos aceitáveis em situações semelhantes.

Qualquer um dos caminhos para se compreender LA expostos até aqui pode-se revelar iluminador num primeiro contato com essa área de investigação. Nenhum deles, nem qualquer combinação dos três, no entanto, poderia permitir um quadro acabado de LA pelo simples motivo que uma fase crucial de todo o processo de busca de conhecimentos ainda está ausente. Trata-se de como os pesquisadores lingüistas aplicados vão do reconhecimento do problema real de uso às soluções propostas para ele. Esse percurso da pesquisa em LA, que vai de detecção do problema ao encaminhamento de soluções, passando pela sua própria teoria acumulada ou por ciências de contato específicas, já foi discutido de maneira clara por Cavalcanti (1987). É preciso, no entanto, não apenas saber qual o fim do produto alcançado mas também como se chegou a ele. Trata-se não somente de conhecer as propostas dos autores, mas os seus procedimentos na busca de uma equação plausível.

MÉTODOS DE PESQUISA EM LA

A LA pode, como vimos, ter o sentido de aplicação de Lingüística. Nessa acepção, talvez nem houvesse necessidade de pesquisa em Lingüística Aplicada. Bastaria, quem sabe, separar o item rigorosamente escrito e/ou explicado lingüisticamente e aplicá-lo a alguma atividade prática.

Nesse caso, quanto mais lingüista fosse o lingüista aplicado, tanto melhor aplicador ele seria. Ou por outra, para ser um bom lingüista aplicado, seria necessário e suficiente um forte embasamento teórico em Lingüística. Por esse raciocínio, quando o lingüista aplicado e o lingüista trabalham em uma mesma instituição, próximos um do outro, não seria incomum um sentimento de superioridade acadêmica de parte do lingüista teórico, que detém conhecimento científico primário. Isso se justificaria pelo fato do lingüista aplicado não ser um lingüista igual. A aceitação desse próprio pressuposto pelo lingüista aplicado pode levá-lo a um sentimento de inadequação teórica e, finalmente, a um indisfarçado sentimento de inferioridade.

Como se vê, a pressuposição do que implica ser lingüista aplicado pode não ser absolutamente neutra ou indiferente em termos de atitudes ou sentimentos acadêmico-profissionais. Dentre os lingüistas aplicados que se dedicam ao ensino de línguas, isso ocorre com bastante freqüência. Esses lingüistas aplicados, principalmente nas faculdades e universidades, podem acabar sendo (injustamente) percebidos como acadêmicos lingüistas de menor importância. A eles estaria reservada a tarefa "mais fácil" de aplicar conhecimentos teóricos. Deve ficar explícito também o pressuposto de que nem todo professor de língua é lingüista aplicado, preocupado em teorizar sobre questões de uso prático da linguagem. Do mesmo modo, nem todo engenheiro é engenheiro pesquisador e nem todo médico é médico pesquisador.

Se, por outro lado, a pressuposição é de que fazer LA não requer necessariamente um conhecimento especializado de Lingüística, mas algum conhecimento específico dessa ciência juntamente com outro tanto de conhecimento específico de outras ciências contribuintes (tudo na medida do problema à mão), então a possibilidade de um sentimento injustificado de inadequação se esvazia. Da mesma forma, não seria justificável uma opinião menor do bom médico pesquisador, só porque não conhecesse bacteriologia a fundo. Não é todo médico-pesquisador em toda e qualquer situação de pesquisa que requer conhecimentos especializados em bacteriologia ou neurologia. Não é todo lingüista aplicado que carece todo tempo só de Lingüística Teórica para pesquisar

problemas complexos de ordem prática, envolvendo o uso de linguagem, seu ensino e aprendizagem ou fora do contexto escolar.

É possível que em alguns casos a contribuição da Lingüística nem seja mesmo a mais importante no estudo de um problema de LA. Isso seria observado, por exemplo, na investigação específica do papel dos fatores afetivos imbricados no processo de aprendizagem e/ou aquisição de uma língua estrangeira em ambientes formais de ensino.

Obviamente não podemos ignorar a longa tradição de tomar LA como aplicação de conhecimentos de Lingüística Teórica. A própria evolução do conceito de linguagem tem sido extremamente útil acompanhar dentro da Lingüística. Várias definições dentro do sistema lingüístico são de grande valia real ou potencial no encaminhamento de soluções para problemas de uso de linguagem. Por exemplo, o estudo teórico sobre topicalização e ordem frasal no português do Brasil de Pontes (1981) tem relevância para o ensino de português como língua materna e como língua estrangeira. Mas exatamente como essa relevância vai se traduzir na solução de problemas práticos, só a pesquisa da LA iniciada por outro ângulo poderá dizer. Muitos lingüistas tentaram e persistiram em tarefas de encaminhar questões de LA no Brasil, a partir de uma postura de aplicação de teoria lingüística. Essa posição, mormente útil, não deixa de ser restritiva. Nas soluções, no percurso de pesquisa e no temário de assuntos pesquisáveis. O conhecimento básico de Lingüística pode ser absolutamente necessário, mas flagrantemente insuficiente no encaminhamento de soluções para muitos problemas reais de interação mediada pela linguagem, dentro ou fora do contexto escolar.

Dessa mesma perspectiva acima, o pesquisador engenheiro civil que dominasse perfeitamente os conhecimentos aprofundados de ligas de concreto armado poderia almejar propor soluções generalizadas com concreto armado, mesmo onde mata-burros de troncos de eucalipto fossem mais apropriados e exeqüíveis.

A pesquisa localizada sobre o problema na sua configuração real complexa pode sugerir encaminhamentos coerentes com esse contexto. Essas soluções, no entanto, podem passar ao largo de conhecimentos específicos dentro de uma determinada ciência de contato e se demorar no exame e utilização de conhecimentos teóricos de vários outros tipos, natureza e nem sempre ortodoxa, ou seja, dentro dos parâmetros de um paradigma vigente de ciência aplicada normal.

Em resumo, é possível prever situações de pesquisa aplicada sobre resultados de pesquisa básica. Trata-se do seguinte: alguém faz pesquisa básica sobre um aspecto da

linguagem (em sintaxe, análise do discurso ou psicolinguística) e outro pesquisador procura fazer a mediação indireta com um problema da prática envolvendo linguagem. Isso equivale a fazermos duas pesquisas e com resultados nem sempre plenamente satisfatórios. Por exemplo, a proposta de impacto da Linguística Gerativa Transformacional de descrever e explicar o funcionamento do auxiliar no sintagma verbal do inglês não significa que a próxima pesquisa de impacto deva ser sobre as maneiras adequadas de transformar esse conhecimento teórico em prática pedagógica bem fundamentada de ensino-aprendizagem dessa língua. Esse último tipo de pesquisa é o que Ausubel (1978) chamou de pesquisa extrapolada e não de pesquisa aplicada.

É preferível para a LA, nesse caso, a pesquisa direta sobre o fato de uso de linguagem na situação-problema complexa em que se manifestou a necessidade de investigação sistemática. Essa investigação poderá ser tanto quantitativa como qualitativa; tanto experimental como mentalística, de acordo com o clima intelectual da época. Desejável será, contudo, apenas que não se falseie a organicidade complexa do problema no seu contexto de ocorrência. Por isso se reveste de especial importância para a LA a pesquisa direta dos fenômenos em ação, ao invés de somente *ex-post-facto*, quando já ocorreu a ação e o dado registrado é tudo o que há em termos de corpus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA FILHO, J.C.P. "Linguística Aplicada, Aplicação de Linguística e Ensino de Línguas", In: *Anais do III Seminário Integrado de Ensino de Línguas e Literatura*. Porto Alegre: PUC-RS e Centro Yázigi de Educação e Cultura, 1987.
- CAVALCANTI, M.C. "A propósito de Linguística Aplicada". In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, vol. 07, 1986.
- GOMES DE MATOS, F. "Structural-Cognitive", In: KAPLAN, R.B. (Org.). *Annual Review of Applied Linguistics*. Rowley Mass.: Newbury House, 1980.
- KAPLAN, R.B. *On the Scope of Applied Linguistics*. Rowley, Mass.: Newbury House, 1980 (citações de Gomes de Matos, Buckingham & Eskey, Anthony e Campbell, nesse volume).
- MARROW, K. "The teaching of English in Yugoslávia". Mimeo, 1986.
- TANNEN, D. *That's not what I meant!* New York: William Morrow and Company, 1986.
- WIDDOWSON, H.G. *Teaching Language as Communication*. Oxford: Oxford University Press, 1978 (tradução brasileira: *O Ensino de Línguas para a Comunicação*, de José Carlos p. de Almeida Filho. Campinas: Pontes, 1991).